

# A SEMENTEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL ILUSTRADA - CRÍTICA E SOCIOLOGIA

Editor — *Ismael Pimentel*

Proprietario e director — *Alario Marques*

Redacção, administração e tipografia, RUA DA BARROCA, 94, 2.º — Impresso na RUA DO DIARIO DE NOTICIAS, 147 a 151.

(Formulaire de la loi sur la presse en Portugal)

Lisboa-Portugal

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Administração

PREÇO 20 RÉIS

## PAULO ROBIN

Terminou a sua vida em Paris, no ultimo dia de agosto, o illustre apóstolo da educação integral e do neo-malthusianismo, Robin de Cempuis, como frequentemente lhe chamavam, em virtude do seu melhor titulo de glória.

Paulo Robin nasceu em Toulon, em 3 de abril de 1837. Depois de ter sido por algum tempo estudante de farmácia na marinha, em 1858 entrou na Escola Normal superior, saindo dali em 1861 para ensinar as sciencias fisicas e naturais em Brest.

Desde então consagra-se com paixão a estudos pedagógicos; e pouco depois, compenetrado das ideias socialistas revolucionárias, entra na Associação Internacional dos Trabalhadores. Em 1868, toma parte, como membro do Conselho geral belga da Internacional, no 3.º congresso geral dessa gloriosa associação, reunido em Bruxelas, apresentando ali um notavel relatório sobre a educação integral. Depois funda o *Soir*, jornal de ensino popular. Expulso da Belgica em 1869, após umas greves, dirige-se para Genebra, onde trava relações pessoais com Herzen e Bacunine. Tendo este ultimo de abandonar Genebra, é Robin que o substitui, auxiliado por Perron, na redacção da *Égalité*, órgão da Federação romanda. Em 1870, ei-lo em Paris, onde é processado e encarcerado em Santa-Pelágia. Restituído á liberdade com a proclamação da Republica, volta a Bruxelas, donde, novamente expulso sem demora, passa para Brest, estando Paris sitiado, e de Brest para Londres, que só abandona em 1879.

Em Londres, é proposto por Karl Marx para membro do Conselho Geral da Internacional e unanimemente admitido. Ali procura desfazer a «hostilidade sistemática» de Marx (são palavras suas) para com Bacunine e os federalistas suíços, mas apenas consegue uma vez que a estes se faça um pouco de justiça.

Durante o exilio, Robin colabora no *Dicionario Pedagógico* de Fernando Buisson, que por fim, em 1879, obtém para ele o lugar de inspector primario em Blois, e, a seguir, em 16 de dezembro de 1880, o de director do Or-

fanato Prévost, em Cempuis, no departamento do Oise, em plena região clerical. E' em Cempuis que Robin, durante 14 anos, resistindo habil e pacientemente a todos os ataques e insidias clericais, procura aplicar as suas ideias sobre educação integral, ensino intuitivo e coeducação dos sexos, alcançando magnificos resultados. Ferrer, Sebastião Faure e Madalena Vernet aproveitaram muito daquele bellissimo ensaio. Por fim, a imunda imprensa clerical, com a *Libre Parole* á frente, atinge os seus fins, graças á cobardia dos democráticos governantes, e Paulo Robin vê-se forçado a deixar o orfanato.

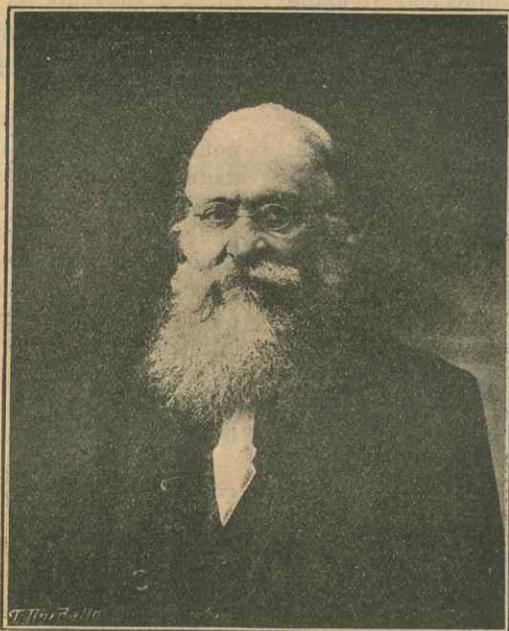
Mas não deixa a luta. Em 1895 funda a *Education Intégrale*, inicia uma série de conferencias sobre educação e sobre a doutrina neo-malthusiana (limitação voluntaria de nascimentos, procriação consciente), apresentando sobre esta doutrina ao Congresso do Livre Pensamento celebrado em Bruxelas um brilhante relatório. Secundando os esforços do inglês dr. Drysdale, promove a constituição da secção francesa da *Liga da Regeneração humana* e em dezembro de 1896 lança um mensario neo-malthusiano *Régénération*, hoje continuado por *Génération Consciente*. Robin e os seus discipulos, sobretudo alguns destes, exageraram o alcance do neo-malthusianismo, ou pelo menos o seu valor revolucionario na presente organização capitalista da produção.

Em 1900, Robin toma parte no congresso internacional anarquista de Paris, que a arbitrariedade do governo não impediu totalmente; e quando se funda a Associação Internacional Antimilitarista é ele um dos seus primeiros aderentes.

Publicou inumeros artigos, relatorios, conferencias e brochuras, e tem algumas obras, como *Méthode de lecture*, *Bases de la morale humaine*, *Théorie de la gamme*, etc.

Por fim, chegado á avançada idade de 75 anos, julgando-se incapaz, fisica e intelectualmente, de prosseguir na luta, toma, como o socialista Lafargue e sua mulher, a resolução de se suicidar pelo veneno. Achou que a sua tarefa estava acabada — e que bom obreiro ele foi! — e bem ganho o repouso. Não julgaremos o seu acto: não sabemos.

O lema deste homem de raro talento, de intelligencia lúcida e de character impoluto, — sabio, pedagogista ilus-



PAULO ROBIN

tre, propagandista claro e persuasivo, homem de bem a toda a prova, — era «Bom nascimento, boa educação». A esta ideia dedicou ele principalmente a sua longa, laboriosa e fecunda vida. Os direitos dos pais são feitos de deveres; são os pais os responsáveis pela vida e felicidade dos pequenos seres que, para nascer, não foram previamente consultados. E essa dura responsabilidade começa antes do nascimento, começa antes até do acto gerador. Os pais teem de se preparar física e moralmente para a procriação e devem evita-la, se não estão em condições de produzir um fruto são ou de lhe oferecer depois condições razoáveis de vida e de desenvolvimento. Faz-se a procriação, a selecção consciente dos animais domesticos: não vamos de aplicar aos homens a mesma sciencia?

Ideias luminosas e incontestáveis. Tudo está, porém, na solução do problema da miséria...

## A ORGANIZAÇÃO

### II

Admitida como possível a existencia duma colectividade organizada sem autoridade, isto é, sem coacção — e para os anarquistas forçoso é que o admitam, pois de outro modo não teria sentido a anarquia — passemos a falar da organização do partido anarquista.

Ainda neste caso nos parece util e necessaria a organização. Se partido significa o conjunto de individuos que teem um intento comum ou se esforçam por atingir esse intento, natural é que eles se entendam, unam as suas forças, dividam entre si o trabalho e tomem todas as medidas que são tidas como proprias para alcançar o fim alvejado, e que constituem o objecto duma organização. Manter-se cada um insulado, agindo ou querendo agir por sua conta sem se arranjar com outros, sem se prepararem todos, sem unirem todos num poderoso feixe as débeis forças dos individuos, significa condenar-se á impotencia, desperdiçar a energia propria em pequenos actos sem efficácia, e bem depressa perder a confiança na meta e cair na inacção completa.

Mas ainda nisto nos parece tam evidente a coisa que, em vez de insistir na demonstração directa, procuraremos responder aos argumentos dos adversarios da organização.

E antes de mais nada, apresenta-se-nos a objecção que chamaremos prévia. «Mas de que partido falais? dizem eles. Nós não somos um partido, não temos programa.» E por esta forma paradoxal, pretendem dizer que as ideias progridem e mudam continuamente e que eles não querem aceitar um programa fixo, o qual pode hoje ser bom, mas amanhã será certamente ultrapassado.

Isto seria perfeitamente justo, tratando-se de estudiosos que procuram a verdade sem cuidar das applicações práticas. Um matemático, um químico, um psicólogo, um sociólogo podem dizer que não teem programa ou só teem o de investigar a verdade: o que eles querem é conhecer, e não *fazer* alguma coisa. Mas anarquia e socialismo não são sciencias: são propósitos, projectos que anarquistas e socialistas querem pôr em prática e que por isso precisam de ser formulados em programas determinados. A sciencia e a arte das construções progridem de dia para dia; mas um engenheiro que quer construir, ou mesmo demolir apenas alguma coisa, tem que traçar a sua planta, reunir

os seus meios de acção e proceder como se a sciencia e a arte tivessem parado no ponto em que ele as encontra quando dá começo aos seus trabalhos. Pode muito bem suceder que ele possa utilizar os novos conhecimentos adquiridos no decurso do trabalho sem renunciar á parte essencial do seu projecto; e pode acontecer até que as novas descobertas e os novos meios criados pela industria sejam tais que ele se veja na necessidade de tudo abandonar e da começar de novo. Mas recomeçando, precisará de traçar nova planta baseada sobre o que se conhece e possui até então, e não pode conceber e pôr-se a executar uma construção *amorfa*, com materiais *não preparados*, por motivo de amanhã a sciencia sugerir formas melhores e a industria fornecer materiais mais bem preparados!

Nós entendemos por partido anarquista o conjunto dos que pretendem concorrer para realizar a anarquia e que portanto necessitam de traçar um alvo a atingir e um caminho a percorrer; e deixamos de boamente ás suas elucubrações transcendentales os amadores da verdade absoluta e do progresso contínuo, que nunca sujeitando as suas ideias á prova dos factos, acabam afinal por fazer coisa nenhuma e por descobrir ainda menos.

A outra objecção é que a organização cria chefes, autoridades. Se isso é certo, isto é, se é certo serem os anarquistas incapazes de união e acordo mutuo sem submissão a uma autoridade, quer isso dizer que são ainda bem pouco anarquistas e que antes de pensar em estabelecer a anarquia no mundo devem pensar em habilitar-se a viver anarquicamente. Mas nesse caso o remédio não estaria na não organização, mas na maior consciencia de cada associado.

Certamente, se numa organização se deixa a cargo de poucos o trabalho todo, bem como todas as responsabilidades, se os mais suportam o que esses poucos fazem, só para não pôr mãos á obra e procurar fazer melhor, esses poucos, ainda que não queiram, hão de acabar por substituir a sua vontade á da colectividade. Se numa organização não se encarregam os membros todos de pensar, de querer compreender, de pedir a explicação do que não entendem, de exercer sempre sobre tudo e todos as suas faculdades criticas, abandonando a poucos a incumbencia de pensar por todos, esses poucos serão os chefes, as cabeças pensantes e dirigentes.

Mas, repetimos, o remédio não está na não organização. Pelo contrario, nas pequenas como na grande sociedade, á parte a força brutal, que não pode entrar no nosso caso, a origem e a justificação da autoridade estão na desorganização social. Quando uma colectividade tem uma necessidade e os seus membros não sabem organizar-se espontaneamente, por si mesmos, para a satisfazer, surge alguém, uma autoridade, que á mesma necessidade provê, servindo-se das forças de todos e dirigindo-as a seu talante. Se as vias publicas são pouco seguras e o povo não sabe providenciar, aparece uma policia que, por algum raro serviço prestado, se faz aguentar e pagar, impõe-se e tiraniza; se é preciso um produto e a colectividade não sabe arranjar-se com os produtores de longe para o obter em troca dos da região, surge o negociante que aproveita a precisão que uns teem de vender e os outros de comprar e impõe os preços que quer aos produtores e aos consumidores.

Vêde o que sempre succedeu entre nós: quanto menos organizados temos estado, mais á discreção de alguns individuos nos temos visto. E é natural que assim tenha sido.

Sentimos necessidade de estar em relações com os camaradas das outras localidades, de receber e dar noticias, mas cada um de nós não pode individualmente corresponder-se com todos eles. Se estamos organizados, incumbi-

mos camaradas de manter por nós a correspondência, substituímo-los se eles não nos satisfazem e podemos estar ao corrente de tudo sem ter de recorrer ás boas graças de alguém para ter uma notícia; se, pelo contrario, estamos desorganizados, haverá um ou outro que tenha meios e vontade de ter correspondência e concentre em suas mãos todas as relações, comunique ou deixe de comunicar as notícias conforme lhe pareça e a quem lhe apraza, e, tendo actividade e intelligencia suficientes, consiga sem o sabermos dar ao movimento a directriz que lhe agrada, sem que a nós, á massa do partido, reste meio algum de fiscalização, e sem que ninguem tenha direito de se queixar, pois tal individuo age por sua conta, sem mandato de quem quer que seja e sem a pessoa alguma ter de prestar contas dos seus actos.

Sentimos necessidade de ter um jornal. Se estamos organizados, poderemos reunir meios para o fundar e sustentar, encarregar alguns camaradas da redacção, e vigiar-lhe a orientação. Os redactores do jornal dar-lhe-ão certamente, de modo mais ou menos acentuado, a marca da sua personalidade, mas sempre serão pessoas que escolhemos e podemos mudar, caso não nos satisficam. Se, em vez disso, estamos desorganizados, alguém que tenha bastante espirito empreendedor fará o jornal por sua conta: achará entre nós correspondentes, distribuidores, assinantes, e levar-nos-á a contribuir para os seus fins sem que os saibamos ou queiramos; e nós, como amiude se tem dado aceitaremos e apoiaremos esse jornal, ainda que nos desagrade, ainda que o achemos nocivo á causa, por não podermos fazer outro que melhor represente as nossas ideias.

De maneira que a organização, longe de criar a autoridade, é o unico remedio contra esta, e é o unico meio de cada um de nós se habituar a tomar parte activa e consciente no trabalho colectivo, deixando de ser instrumento passivo na mão dos chefes.

Que se não se fizer absolutamente coisa alguma e ficarem todos em completa inacção, então com certeza não haverá chefes nem subordinados, comandantes nem comandados, mas acabarão a propaganda, o partido e até as discussões sobre a organização... e isto esperamos que de ninguem seja o ideal.

Mas a organização, diz-se, supõe a obrigação de coordenar a acção propria com a dos outros, portanto viola a liberdade, estorva a iniciativa. A nós parece que o que verdadeiramente tira a liberdade e impossibilita a iniciativa é o insulamento que torna impotente. A liberdade não é o direito abstracto, mas a possibilidade de fazer uma coisa: isto é verdade entre nós, como é verdade na sociedade geral. E' na cooperação dos outros que o homem acha os meios para desenvolver a sua actividade e a sua força de iniciativa.

Organização significa sem duvida coordenação de forças para um fim comum e obrigação para os organizados de não fazerem coisa que seja contrária ao escopo. Mas quando se trata de organizações voluntarias, quando os socios da mesma organização teem verdadeiramente o mesmo escopo e são partidarios dos mesmos meios, para todos se torna vantajosa a obrigação reciproca que os prende; e se algum renuncia a uma ou outra ideia particular sua, em holocausto á união, isso significa que ele acha mais vantajoso renunciar a uma ideia, que demais por si só não poderia realizar, do que privar-se da cooperação dos outros nas coisas que julga de maior importancia.

Se, porém, um individuo acha que nenhuma das organizações existentes aceita as suas ideias e métodos no que teem de essencial e que em nenhuma delas poderia desenvolver a sua individualidade como deseja, fará então bem em ficar de fora; mas em tal caso, não querendo conser-

var-se inactivo e impotente, tem que procurar outros que pensem como ele e fazer-se iniciador de nova organização.

Outra objecção, e é a ultima de que nos ocuparemos, é que, estando organizados, estamos mais expostos ás perseguições do governo.

Parece-nos, pelo contrario, que quanto mais unidos estivermos mais eficazmente nos poderemos defender. E com effeito, sempre que nos surpreenderam as perseguições estando nós desorganizados, desbarataram-nos completamente e reduziram a nada o nosso trabalho anterior; ao passo que nos fizeram mais bem do que mal onde e quando estavamos organizados. E dá-se o mesmo até pelo que diz respeito ao interesse pessoal de cada um: basta o exemplo das ultimas perseguições que feriram os insulados tanto como os organizados e talvez mais gravemente. Isto, é claro, quanto aos que, insulados ou não, fazem pelo menos a propaganda individual; pois para os que nada fazem e teem bem escondidas as suas convicções, o perigo é certamente pequeno, mas é menor ainda a utilidade que dão á causa.

O unico resultado que, sob o ponto de vista das perseguições, se obtem estando desorganizados e prégando a desorganização, é autorizarmos o governo a negar-nos o direito de associação e a promover esses monstruosos processos por associação para delinquir, que ele não ousaria instaurar contra gente que afirma altamente, publicamente, o direito e o facto de estar associada, ou que, se o governo tal ousasse, seriam para ele uma vergonha e para a propaganda uma vantagem.

Demais, é natural que a organização tome as formas que as circunstancias aconselhem e imponham. O importante não é tanto a organização formal como o espirito de organização. Pode haver casos em que, com o enfurecimento da reacção, seja util suspender qualquer correspondência, cessar toda e qualquer reunião: será sempre um dano, mas subsistindo em todos a vontade de estarem organizados, mantendo-se vivo o espirito associativo, se o periodo anterior de actividade coordenada tiver multiplicado as relações pessoais, produzido sólidas amizades e criado um verdadeiro acôrdo de ideias e de conduta entre os camaradas, então o trabalho dos individuos, mesmo insulados, concorrerá para o fim comum, e em breve acharão meio de se reunir de novo e de reparar o prejuizo sofrido.

Somos como um exército em guerra, e podemos, conforme o terreno e as medidas tomadas pelo inimigo, combater em grandes massas ou em ordem dispersa: o essencial é considerarmo-nos sempre membros do mesmo exercito, obedecermos todos ás mesmas ideias directrizes e estarmos sempre prontos a reunir-nos em colunas compactas, sendo preciso e possivel.

Tudo o que dissémos é para os camaradas realmente adversarios do principio de organização. Aos que combatem a organização só por não quererem entrar ou não serem aceitos numa dada organização e por não simpatizarem com os individuos que dela fazem parte, a esses dizemos: fazei vós, com os que convosco estão de acôrdo, outra organização. Desejariamos decerto que todos estivessem em harmonia e se reunissem num feixe poderoso todas as forças do anarquismo; mas não cremos na solidez das organizações feitas á força de concessões e subentendidos e onde não haja entre os membros acôrdo e simpatia reais. Antes desunidos do que mal unidos. Mas desejariamos que cada um se junte com os seus amigos e não haja forças insuladas, forças perdidas.

*Errico Malatesta*

N. B. — Esta série tem um terceiro artigo, que já publicámos porém, em nosso n.º 35, como parte segunda dum estudo de Malatesta sobre o mesmo assunto. Essa segunda parte merece ser relida.

## A EDUCAÇÃO SOCIAL

Não se pronuncia tal qualificação no ensino da escola primária, mas junta-se a coisa á educação moral e cívica; porque á criança insinua-se como evidente que o homem moral e bom cidadão deve aprovar, respeitar, amar o regime social sob o qual vive, e que é imoral, criminoso criticá-lo, procurar que se modifique, e ainda mais lutar para o destruir.

Do mesmo modo que o ensino religioso ensina a submissão aos que se dizem ministros do «chamado Deus», o ensino moral e cívico a conformidade com as fantasias de todas as administrações e com a brutal tirania dos homens armados, matadores profissionais, — o seu ramo subreptício, a educação social ensina a submeter-se aos plutocratas, a admirar o amontoamento da riqueza humana nas mãos de poucos, a crer que o capital é trabalho acumulado, e que é a justa recompensa dos que trabalham e dos filhos daqueles que trabalharam mais ou melhor que os papás dos outros.

O bom senso infantil deve muitas vezes revoltar-se ao verificar quam contrario á evidencia dos factos é semelhante ensino; contrariamente ao que lhe dizem, a criança vê que os mais gordos, os mais bem vestidos, os esplendidamente alojados são os mais preguiçosos e os mais arrogantes, que os mais magros, os mais sujos, morando em pocilgas, são os que mais trabalham; não lhe parece muito facil que, mesmo trabalhands muito assiduamente, ganhando-se de 500 a 1500 réis por dia, se possa poupar o bastante para possuir ao cabo de dez anos uns 6 contos de rendimento, como ela vê que possuem alguns dos que nem esse tempo trabalharam.

Mas se ela ousasse fazer observações impias a tal respeito, o padre da igreja, seu confessor, censura-la-ia por cometer os pecados capitais de orgulho, de inveja, de avareza; ao passo que o padre da religião do Estado, o mestre-escola laical, provar-lhe-ia com as citações de trechos selectos dos economistas, com as passagens dos seus livros de leitura corrente que é inevitavel haver ricos e pobres, que os houve sempre, que sempre os haverá, que é bom que haja ricos para darem trabalho aos pobres, os quais, sem isso, morreriam de fome!

Ensinam-se essas enormidades a todas as crianças, que na sua grande maioria, infelizmente, toda a vida acreditam nisso; são ainda uma minoria os que, nas associações de resistencia, nas camaras de trabalho, nas sociedades de ensino mutuo, etc., aprendem que os educadores mentiram por ordem ou por ignorancia, nisso como no resto do ensino de *questões de opiniões*, variaveis segundo os tempos, os lugares, as circunstancias.

*Paulo Robin*

---

## O BOM MEIO

### I

Eram duma vez... em certo país da América, dois fazendeiros imensamente ricos cujas vastíssimas propriedades confinavam. Um deles cultivava a cana de açúcar, o outro o café; e as suas plantações eram suberbas e magnificamente tratadas por escravos negros.

Ora veio uma lei dessa nação que proibiu aos senhores de escravos que vendessem os filhos dos seus pretos

e se desembaraçassem dos seus servós sob pretexto de velhice. Quem possuía escravos, tinha de os conservar até morrerem. O dominio de cada fazendeiro formava assim um pequeno Estado dentro do grande.

Mas succedeu que um dia o cultivador de café e o cultivador de açúcar notaram que tinham sempre mais pessoal a sustentar, sem que aumentassem as colheitas: havia, pois, excesso de despesas e redução de lucros.

Ficaram ambos perplexos.

### II

O plantador de café teve uma ideia: elevar os preços dos seus produtos.

— Deste modo, pensou ele, cobrirei a diferença.

E durante uma partida de bisca com o vizinho, confiou-lhe o seu plano:

— E' excelente, disse o outro, e eu vou imitar-te.

E ambos aumentaram os preços dos seus generos; mas como nem todos os Estados da América estavam sujeitos áquela mesma lei, os outros produtores mantiveram os preços anteriores, e os nossos dois fazendeiros não puderam colocar as suas colheitas: tiveram que acompanhar o mercado, pondo-se de novo a dar voltas ao miolo para achar outro meio.

### III

A seu turno o plantador de canas de açúcar fez um achajo: — Cortemos na alimentação da nossa gente!

— Eureka! clamou o vizinho.

A manança foi, pois, cerceada; reduziram-na mesmo ao estritamente necessario á vida.

Mas ainda desta vez foi mau o resultado: mal nutridos, os pretos definhavam e disso se ressentia o seu trabalho. De sorte que havia diminuição de gastos, mas havia tambem redução de ganhos.

Os plantadores procuraram então persuadir os escravos da vantagem de não terem companheira, de não terem filhos; cercaram-lhes mesmo as uniões dum acervo de complicações e de dificuldades. Mas os pobres diabos — não tendo outro gosto, como eles diziam — teimavam em ter mulher e procriar filhos.

A situação, portanto, continuava má.

E até se agravava. Maltratados e mal alimentados, os pretos começavam a murmurar, passando-lhes pela cabeça veleidades de revolta.

Os dois fazendeiros viam com terror aproximar-se a hora duma insurreição. Que sucederia? Não seriam os escravos capazes de se apossar de todas as riquezas que o seu trabalho produzira? Urgia a todo o custo conjurar o perigo.

Os dois proprietarios reuniram-se e, após nova partida de bisca, acompanhada duma chicara de excelente moka — feito com o café de um e adoçado com o açúcar do outro — combinaram um quarto meio, que qualificaram de infalivel. Depois, tranquilizados, separaram-se, trocando um aperto de mãos.

### IV

No dia seguinte, numa visita ao limite oriental da sua fazenda, o plantador de café notou que uma faixa de terreno que, no seu dizer, lhe pertencia, fôra toda invadida pelas canas de açúcar do vizinho.

Mandou logo uma delegação de pretos chamar o vizinho, o qual veio sem demora, escoltado por uma delegação dos seus escravos.

— Aqui está o que há, declarou em tom azedo o cafezista: as suas canas ocupam terreno meu.

— Ora essa! replicou o outro em tom não menos agre, este terreno pertence-me.

— Isso nunca; veja onde estão os postes.

— Os postes foram mudados de lugar, meu caro senhor, e eu acuso-o de os ter deslocado para armar questão comigo.

— Meus fiéis amigos, disse então o plantador de café voltando-se para os seus pretos: sêde testemunhas do insulto que acabam de me dirigir!

— E vós, meus bons camaradas, disse aos seus escravos o outro fazendeiro, peço-vos verifiqueis que as balisas foram na verdade mudadas de lugar.

— Está bem, senhor, proseguiu o insultado; em breve terá que me dar razão.

— Não o temo, redarguiu o plantador de canas com altivez.

A' noite, nas humildes cabanas dos escravos das duas fazendas, os pretos — muito excitados pela aguardente generosamente distribuída — só falavam de honra ofendida, de honra a vingar, de dignidade magoada, etc.

— E' preciso vingar patrão, diziam eles.

— Nós prontos a morrer por bom senhor, exageravam os mais sentimentais.

E os dois proprietários, tendo dado uma volta surra-teira por trás das miseráveis choças, estalavam de riso á ideia do bom meio que tinham finalmente achado.

## V

Na manhã seguinte, o cultivador de café mandou uma delegação de pretos declarar guerra ao vizinho, plantador de canas de açúcar.

— Sobretudo, meus fiéis amigos, recomendou ele, nada de concessões. Fomos ofendidos: é necessario lavar a injúria.

— Oh! patrão, fique sossegado, responderam os bons negros; nós quer morrer para vingar honra de patrão.

Do seu lado, o plantador de cana de açúcar recomendara aos seus bons camaradas escravos que não fizessem concessões e que se mantivessem firmes.

— Mostrai que sois homens! declarou ele num tom soberbo.

Todos envaidecidos com esse qualificativo de homens, eles que eram habitualmente tratados como cães, os negros do segundo fazendeiro receberam pessimamente os seus confrades vizinhos, maltratando-os, chamando-lhes: bandidos! ladrões! — sendo em suma homens pelo odio e e pela violencia. E a guerra foi declarada.

## VI

No dia immediato, estava tudo acabado. Nas duas fazendas, jaziam estendidos por terra três quartas partes dos pretos. Tinham-se batido a golpes de forcado, de picareta, de machado. Algumas negras tinham querido meter-se na contenda, vendo-se os seus cadáveres ao lado dos companheiros mortos; outras ajoelhadas no campo de carnificina, choravam silenciosamente apertando contra o seio pequenos pretinhos.

No dominio do vencedor — o cafezista — uma preta, todavia, não chorava. Fixava, com aspecto feroz, o seu rapaz, morto a seus pés, e o seu homem, ferido, sentado num banco, ao lado dela.

Ora succedeu que passou por ali o senhor.

— Miseravel! gritou a preta; tu é que mataste meu filho!

— E' uma grande desgraça, disse o amo, melífluio; mas deves consolar-te, minha velha, pensando que alcançámos a vitória.

— Tu tiveste a vitória, nós não, replicou a negra com arrebatamento; nós continua escravos como antes.

— Mas vingámos a nossa honra insultada, declarou ainda o senhor.

O velho escravo ferido levantou-se e disse:

— Tu enganaste-nos com tua honra. Tu és um assassino!

Tinham-se aproximado alguns dos sobreviventes e o fazendeiro pôde ler-lhes na fisionomia que os impressionavam as palavras dos seus companheiros. Mais uma vez sentiu que se aproximava a insurreição; e para prevenir a revolta era preciso a todo custo provocar uma reacção.

— E vós sois uns ingratos e uns traidores, disse ele em tom de juiz: mereceis a morte dos traidores.

Puxou por um revólver e desfechou-o duas vezes, caindo marido e mulher mortos sobre o cadaver do filho.

Imediatamente, os que a esta scena tinham assistido, tomados ao mesmo tempo de terror e de admiração, caíram de joelhos, exclamando:

— Oh! patrão! bom patrão!

— Levantai-vos, disse este. Durante oito dias, não trabalhareis. Fazei imponentes funerais aos vossos companheiros, gloriosamente mortos pela honra do nosso dominio, e sobre o seu tumulo vos prometo mandar elevar um belo monumento.

Os negros ergueram-se, satisfeitos por pertencer a um homem tam generoso. Fizeram funerais majestosos aos seus mortos, entoaram cantos de vitória, beberam aguardente; depois, ao cabo de oito dias, retomaram a sua penosa labuta de escravos.

## VI

No dominio vizinho, as coisas diferiram um pouco: ali tinha havido a derrota.

O plantador de canas de açúcar levou os seus negros sobreviventes ao campo da carnificina e disse-lhes, apontando a nesga de terreno que tivera de abandonar, com as canas, ao seu vizinho vencedor:

— Vêde: fomos despojados. Fostes corajosos, mas a fatalidade era contra nós.

— Bom patrão, declararam os pretos, nós um dia vinga os companheiros mortos.

— Sim, meus amigos, em ocasião propicia havemos de tirar a desforra. Entretanto, fazei imponentes funerais a vossos irmãos e não vos esqueçais de que o seu sangue clama vingança.

E os pretos sobreviventes, estendendo a mão sobre os cadáveres, juraram preparar a desforra. Fizeram imponentes funerais aos seus mortos, entoaram cantos vingadores e ferozes, beberam aguardente para fazer esquecer a derrota, depois retomaram tambem o seu duro labor de escravo.

## VII

Desde então, deixaram de ter inquietações os dois fazendeiros. Em se tornando numerosos demais os seus escravos; quando temem uma revolta dos negros e precisam de se impor pelo terror, põem-se de acôrdo em quanto jogam as cartas; e sob o bom pretexto de vingar os mortos vencidos, fazem precipitar-se um contra o outro os dois rebanhos de escravos, que acabaram por se apodar reciprocamente de inimigos e que implacavelmente se trucidam.

O resultado é sempre seguro.

Por isso, após cada batalha, os dois proprietários, saboreando uma chícara de excelente moka — feito com o café de um e adoçado com o açúcar do outro — felicitam-se mutuamente por terem enfim descoberto «o bom meio».

## NOTAS PERDIDAS

A *Aurora*, do Porto, foi querelada por dois artigos antimilitaristas, e segundo os nossos camaradas, a lei foi-lhes aplicada *ilegalmente*, isto é, antes do prazo em que deveria começar a ter vigor. O famoso efeito retroactivo, outrora tam verberado...

Assim os nossos amigos, que consomem as suas reduzidas horas e os seus magros vinténs, arrancados ao pão para a boca, na propaganda desinteressada e ardente duma ideia profundamente sentida, estão expostos, por causa dum «delito de imprensa», a passar uma temporada na cadeia e a pagar uma pesada multa.

Sendo a liberdade a *possibilidade* de facto, a liberdade dos pobres é já bem limitada pela falta de meios, monopolizados pelos ricos, e pela falta de tempo, que só os ociosos e parasitas teem com abundancia. Pois bem: essa limitação ordinaria não basta. O Estado acha-a ainda ampla demais. Os que dispõem largamente dos meios de combate para a luta das ideias ainda acham pouco amordaçar indirectamente os adversarios, por meio do salario insufficiente e da longa jornada de labuta.

Que não clamaria agora a imprensa republicana, se estivesse na opposição?

E diziam-nos que a Republica nos daria pelo menos a plena liberdade «política», se não económica, de pensar e de expor ideias! Que os anarquistas poderiam ao menos fazer a franca propaganda dos seus ideais!

Com efeito!

Fez-se uma lei para proteger a nova religião do Estado, e tanta pressa houve de a aplicar aos anarquistas que as formalidades legais foram saltadas a pés juntos.

Zeno Vaz

---

## A GAIOLA

(Conclusão)

Madalena — Esqueces a sr.<sup>a</sup> Ledru. Este acidente lança no predio um descredito passageiro...

Alberto, *animando-se* — Passageiro, mas eloquente e susceptivel, pela repetição, de estigmatizar essa mulher implacavel!

Madalena — Aonde queres chegar?

Alberto — A' significação que poderiam adquirir suicidios simultaneos tendo por teatro, por exemplo: o parlamento, onde se fabricam as leis; o Palacio da Justiça, onde as aplicam; a Bolsa, onde se riem delas; e a Caserna, que é a sua salvaguarda. Como o facto corrente logo se amplifica! Tanto que não seria preciso aos pobres um grande espaço de memoria nem muito discernimento, para rodear a sua morte das circunstancias mais proprias a torna-la instintiva.

Madalena — Percebo. E' o suicidio abertamente relacionado com as suas causas determinantes que tu encaras.

Alberto — Isso mesmo.

Madalena — Os desmoralizados não raciocinam. Tu pedes-lhes um reflexão suprema, que ainda é energia.

Alberto — E' preciso tanto como isso para conhecer o autor da propria miseria e aponta-lo?

Madalena — E na incerteza?

Alberto — Na incerteza que o indigente se mate á vista de não importa que rico, quer em casa dele, quer nos lugares de prazer que ele frequenta. A opulencia é sempre culpada.

Madalena — O que me agrada, nesse terror vermelho, é que ele torna impossiveis as represalias dum terror branco, — a menos que não queiram matar os mortos!...

Alberto — Vermelho, não; terror livido, dando a esta sociedade moribunda o espetaculo que lhe convem; um desfile de cadaveres. Basta de suicidios envergonhados e inexplicados! Quem quer que seja que se mate por miseria, não tem o direito de se ocultar para morrer. Pelo contrario. E' preciso que o lugar onde caiem os pobres, seja conhecido, notado, obsidiante, afim de que os desmancha-prazeres nele se sucedam, levados pelo contagio do exemplo.

Madalena — Quantas forças perdidas!

Alberto — Decerto. Tambem não aconselhei o suicidio. Utilizo-o, simplesmente, á falta de melhor. Como a rapariga abandonada que vai depor o filho á porta do pai cujo esconderijo descobriu, que a miseria, incapaz de revolta, amontoe ao menos as suas vitimas á porta dos malfeitores responsaveis e denunciados. Em breve seria tal o seu desvairamento, no meio dessas poças e desse cheiro de sempre, que eles viriam talvez a consentir nas concessões que nem as supplicas nem ameaças lhes teem arrancado.

Madalena — Receio que te enganes, Alberto. O cheiro do sangue derramado não é desagradavel á burguesia.

Alberto — Nas ruas. Em casa, é outra coisa. Reaparece o proprietario inimigo das degradações e cuidadoso das digestões tranquilas. As colunas e as altas torres, supostamente propicios aos suicidios, são apenas vidros esfumados duma lampada; e este fogareiro não é menos mesquinho: arde, mas mal ilumina!

Madalena — Mas então, nós realizamos o teu programa, sucumbindo no proprio lugar donde iam ser expulsos.

Alberto — Sim. Mas não é honrar demasiado a sr.<sup>a</sup> Ledru, imolarmo-nos todos quatro na sua caixa-forte? Desperdiçamos os nossos cadaveres.

Madalena — E' muito tarde para distribui-los melhor.

Sr. Havenne, *com voz quasi estincta*. — Madalena...

Madalena — Escuta! (*Levanta-se.*)

Alberto, *de pé tambem*. — Foi o pai que te chamou... (*Madalena sobe, cambaleando um pouco, dirigindo-se para o pai, que rolou, de cabeça para baixo. Inclina-se para ele.*)

Madalena — Papá... papá... Ouve? (*Levanta-se. Depois inclina-se ansiosa, sobre sua mãe.*) Mamã... (*Volta-se, o rosto e a voz transformada.*) Que pressa de partir!

Alberto — Tens a certeza, Madalena?...

Madalena — Tenho a certeza de que estão rotos os laços que me prendiam ainda agora. Vamos d'aqui. Não quero morrer na gaiola! Ao espaço, luz! Oh! agora estou impaciente. Eles tinham razão... Nós não cumprimos ainda o nosso destino. Estamos á beira do ninho, como aves que tremem de tentar as azas... Tomemos o vôo, Alberto! Vamos para o sol, de campanario... Aos que dormem, despertemo-los; aos que estão curvados, levantemo-los; que aprendam de nós uma atitude mais altiva, ergam a frente, embora seja apenas para nos ver passar! Mais tarde eles nos alcançarão.

Alberto, *dirigindo-se para a janela, cambaleando*. — Foi um rei que o disse: «Quando a sociedade se compõe de almas impiedosas, todos os compromissos estão rotos.»

Madalena — Estão. Os velinhos cegos a quem amparamos já não existem... Para que serve agora fingir de paraliticos? Fôra com as muletas! Entriguemo-nos vivos e validos á Revolução, ainda que ela nos devore a ambos!

Alberto, que alcançou a janela, arranca as cortinas. — A nós e a muito outros... Também ela morre de fraqueza e de inanição. Tem fome de apóstolos; sejamos o seu alimento. Nossos pais caíram onde o seu primeiro esforço os condenara a morrer: sobre a brecha da propriedade. Pertence-nos a nós alarga-la; os que vierem depois darão o assalto! (*Abre a janela de par em par, aspirando ar a plenos pulmões, sustentando sua irmã que se arrastou até ele. A claridade nascente invade o aposento.*)

CAI O PANO

Lucien Descaves

## MUDAR DE OPINIÃO

*E' certo que os que não mudam de ideias são mais respeitáveis do que os que modificam sinceramente as suas opiniões?*

Esta opinião (supondo-a afirmativa), que é um fundamento do sistema reaccionario, não pode sustentar-se ante a lei da evolução, tam perfeitamente demonstrada pela sciencia.

O mundo evoluciona sem cessar. Nem o seu todo, nem nenhuma das suas partes, permanece um instante no mesmo estado. A'parte as multiplas evoluções que o nosso sistema solar opera constantemente em si mesmo, o seu ambiente modifica-se a cada momento. E todos os sistemas siderais mudam do mesmo modo; em todo o universo a materia actua, quer dizer, muda, e faz mudar quanto a rodeia.

As especies evolucionam sempre, como o demonstrou Darwin.

Tambem evolucionam os individuos, como o demonstra a fisiologia, e se não, as vicissitudes da idade, da saude, das estações, do meio, das preocupações, etc., de sobra o manifestam aos mais ignorantes; e, como é natural, os orgãos mais sensiveis, principalmente o cerebro, são os que mais evolucionam. O ancião jámais terá a mentalidade da sua juventude, nem o jovem pensa como a criança. Cada nova ideia, até cada sensação, produz uma mudança cerebral, e, por consequencia, o olvido de uma ideia anterior. Em resumo, toda a mentalidade muda proporcionalmente.

Ha mais; cada ideia, cada opinião, tomada em si mesma, evoluciona tambem, a respeito do seu grau de vitalidade e de certeza subjectiva, o ambiente das outras ideias com que choca ou que chocam com ela por acção reflexa.

Façamos uma distincção: os cerebros excessivamente sensiveis, activos e vivos (a materia viva só se distingue da outra, quer dizer, da materia inerte, por um grau maior de sensibilidade) evolucionam mais, pelo facto de que adquirem mais ideias novas e removem maior numero das já adquiridas; quanto aos outros, adquirem poucas ideias novas e são pouco sensiveis para notarem as modificações demasiado ligeiras, da sua mentalidade: vivem em relativa inercia e no descuido intelectual, e esses individuos são os que se vangloriam da firmeza das suas opiniões! Tomam por uma boa qualidade o que é o maior dos defeitos, e consideram como uma virtude o que os faz incorrer em grave responsabilidade.

O meio mais prudente, em frente desses obcecados que se encontram submergidos em semelhante torpeza, consiste em não discutir com eles; posto que declaram que não querem variar de opinião, o melhor é deixa-los submetidos á sua ignorancia, de que não querem nem podem sair.

M\*\*\*

## Publicações recebidas

### LIVROS E FOLHETOS

**Os falsos e os verdadeiros direitos do homem**, por *Paraf-Javal*, tradução de *Grácio Ramos*. Em fasciculos de 16 pág. a 30 réis cada um. Estrada da Penha de França, 82, loja. Lisboa.

Recebemos os dois primeiros fasciculos. O autor fará neste livro a critica das diferentes «Declarações dos direitos do homem»; em seguida dirá quais lhe parecem ser os verdadeiros direitos do homem racional, assim como os principios duma sociedade racional e as regras de comportamento dum homem racional na sociedade presente.

**Relatorios**, do Conselho Escolar da Escola-Oficina n.º 1 e da Direcção da Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas, relativos aos anos de 1909-1910 e 1910-1911. Lisboa. 1912. Volume de 96 pag.

Não se trata de uma simples enumeração de receitas e despesas, de obras feitas, de melhoramentos introduzidos e de donativos recebidos: os relatorios contem igualmente notas interessantes sobre a bella applicação dos modernos principios pedagogicos que a Escola-Oficina n.º 1 adopta.

**Las Bases Morales y Sociologica de la Anarquia**, por *Pedro Gori*, trad. de *J. Prat*. Edição da «Biblioteca Editorial Salud y Fuerza», Provença, 177, Barcelona. Opusculo de 32 pag., preço 10 céntimos.

E' a segunda edição espanhola de um lúcido escrito do advogado Pietro Gori, o eloquente propagandista italiano da anarquia, tam cedo arrebatado pela morte ás batalhas pelas ideias de emancipação integral.

**Entre campesinos**, por *E. Malatesta*, trad. de *E. Alvarez*. Edição de «Salud y Fuerza». Opusculo de 32 pag., em corpo 6; preço 10 céntimos.

Nova edição espanhola da bem conhecida obra prima de propaganda. Pena é que os editores tenham empregado na composição caracteres tam miudos e tam pouco populares.

**Los estragos del alcohol**, edição n.º 31 do grupo «Tiempos Nuevos», Minas, 259, Montevideo (Uruguai). Julio de 1912. Distribuição gratuita.

Reunião, num folheto de 16 paginas, de um trecho literario de Catulle Mendès e de estudos scientificos do dr. Victor Delfino, prof. Taav. Laitinen e dr. Winkler, tudo fechado por um apelo dos editores ao operariado contra esse repugnante e terrivel inimigo da emancipação proletária que é o alcool, triste efeito da exploração capitalista e da absurda e antissocial organização da troca, isto é, do interesse particular do comerciante.

### JORNAIS E REVISTAS

*O Libertario*, semanario anarquista, que começou a publicar-se em Gijon — Espanha.

*Solidaridad*, mensario órgão da Federación Regional Uruguaya.

*Organización Obrera*, órgão da Federação Obrera Regional Argentina. Aparece quando pode.

*El Látigo del Carrero*, mensario, órgão defensor do gremio de condutores de carros. Montes de Oca, 972 — Buenos Aires.

*El Productor*, periodico anarquista de Santiago de Chile. Correspondencia: Casilla, 30.

*A Voz do Maritimo*, quinzenario da Associação de Classe dos Inscritos Maritimos Portugueses.

Reapareceram: *Salud y Fuerza*, de Barcelona; *Vida Nova*, de Ponta Delgada; *Guerra Social*, do Rio de Janeiro; *O Chapeleiro*, do Porto.

## A SEMENTEIRA

Aos correspondentes e outros camaradas que tenham contas a liquidar com esta administração, pedimos para que as liquidem até ao próximo n.º 48, o último do quarto ano da *Sementeira*.

Aos assinantes também em dívida prevenimos que com o próximo número lhe enviaremos pelo correio o recibo para cobrança dos seus débitos. Como não é desafogada a vida desta publicação, incluiremos no recibo a despeza a fazer com a cobrança pelo correio, visto que raros são os que atendem a conveniência por nós já lembrada de que os pagamentos devem ser espontâneos e o mais possível feitos adeantadamente.

Aos que não satisfizerem as importâncias em dívida, nem para nós tenham duas palavras de justificação, suspenderemos a remessa da *Sementeira*, reservando para todos os que estão em condições especialíssimas de pesada dívida e longo sigilo, o modo de proceder que a sua conduta reclama.

Formando um bom volume de 292 páginas com 35 fotografuras em papel couché, temos para vender os três primeiros anos d'*A Sementeira*. Volume repleto de boa doutrina, com biografias e originais dos melhores sociólogos, recomenda-se a sua aquisição a todos os que desejam estar ao corrente das modernas ideias sociológicas.

Os poucos exemplares que nos restam são vendidos ao preço de 1.500 réis em brochura ou 1.600 réis em cartongem.

Fotografuras de sociólogos e homens de ciência, das publicadas nos três primeiros anos d'*A Sementeira*, bom papel couché, 20 réis cada, nesta administração.

Os grupos que se interessam pela propaganda podem reclamar a esta administração, para distribuição grátis, exemplares atrasados do jornal *A Aurora* e da *Sementeira*, tendo a satisfazer apenas a importância da despeza a fazer com o transporte pelo correio.

A burguesia actual tem a seu serviço dois dogmas: o dogma da liberdade do trabalho e o dogma da patria guerreira. Em nome desses dois dogmas, ela encarcera, e em caso de necessidade fuzila.

... As leis contra os anti-militaristas são semelhantes ás leis que a Igreja promulgou contra os herejes. Pode-se dizer — se se tem gosto pelas grandes fórmulas — que repugnam á consciencia moderna. E' mais simples dizer que revoltam de asco todos os que não teem alma de escravo.

(«Les Temps Nouveaux», de 20 de julho.)

Octávio Mirbeau

O fanatismo é um burro que bebe sangue.

Victor Hugo

Não ha civilização compatível com a fome.

Herzen

Nunca houve boa guerra, nem má paz.

Franklin

## COISAS DISPERSAS

Comunica-nos o Grupo Libertario Renovação Social que, coadjuvado por dedicados elementos, acaba de tomar a iniciativa de fundar uma escola noturna para creanças e adultos de ambos os sexos, que sub-titulou Escola de Ensino Livre, com séde provisoria na Rua Conselheiro Moraes Soares, M. J. S., 2.º Para conhecimento do programa da Escola distribuiu uma circular-proposta convidando os amigos da educação a preenche-la e a colaborar na obra.

## BROCHURAS DE PROPAGANDA

|  |         |
|--|---------|
| <i>A propriedade e o socialismo</i> , C. Lisle. . . . .                            | 20 réis |
| <i>O governo revolucionario e os direitos politicos</i> , P. Krapôtkine. . . . .   | 20 »    |
| <i>A Confederação do Trabalho</i> , Paul Delesalle                                 | 30 »    |
| <i>Aos Camponeses</i> , R. Mella. . . . .  | 20 »    |
| <i>Pela Educação e pelo Trabalho</i> , A. Pinho . . . . .                          | 30 »    |
| <i>Teatro Livre &amp; Arte Social</i> , E. da Silva. . . . .                       | 50 »    |
| <i>O catecismo ateu</i> , B. Betencourt . . . . .                                  | 30 »    |
| <i>O rei e o anarquista</i> , Libertas . . . . .                                   | 30 »    |
| <i>Semeando para colher</i> , C. Dias. . . . .                                     | 30 »    |
| <i>Programa socialista-anarquista</i> , E. Malátesta                               | 40 »    |
| <i>A mulher e o militarismo</i> , F. Domelá . . . . .                              | 30 »    |
| <i>A's mulheres</i> , J. Prat. . . . .   | 50 »    |
| <i>Um seculo de expectativa</i> , P. Krapotkine. . . . .                           | 50 »    |
| <i>A canalha (refutação a uns sabios)</i> , «Nós» . . . . .                        | 200 »   |
| <i>Bases do Sindicalismo</i> , E. Pouget. . . . .                                  | 20 »    |
| <i>Sindicalismo e Acção Directa</i> , M. J. Sousa. . . . .                         | 20 »    |
| <i>O dia de 8 horas</i> , C. G. T. . . . .   | 20 »    |
| <i>O Cristianismo e a razão</i> , Pi y Margall . . . . .                           | 30 »    |
| <i>O espirito revolucionario</i> , P. Krapotkine. . . . .                          | 50 »    |
| <i>A greve geral</i> , «E. S. R. T.» . . . . .                                     | 50 »    |
| <i>Evolução, revolução e ideal anarquista</i> , E. Reclus. . . . .                 | 400 »   |
| <i>O sindicalismo</i> , F. Challaye . . . . .                                      | 100 »   |
| <i>O sindicalismo</i> , L. Fabbri. . . . .   | 20 »    |
| <i>A união dos sindicatos e a anarquia</i> , F. Peloutier. . . . .                 | 30 »    |
| <i>A responsabilidade e a solidariedade na luta operaria</i> , M. Nettlau. . . . . | 30 »    |

Satisfazem-se os pedidos de estas ou quaisquer outras publicações, quando acompanhados da respectiva importância e dirigidos directamente á administração da *Sementeira*, Rua da Barroca, 94, 2.º — Lisboa.

A «Sementeira» encontra-se á venda em LISBOA, no Kiosque Elegante e Tabacaria Monaco, Rocio; livraria G de Carvalho, rua da Prata e na Casa Sindical, rua dos Prazeres—No PORTO, rua da Bainharia, 150, 2.º; rua das Flores, 65 e na redacção da «Aurora», rua do Captivo, 16, 1.º — Em COIMBRA, r. Direita, 98.—Em S. PAULO, (Brazil), Charutaria Lealdade, rua de S. Bento, 35 A.

Depois de lerem «A Sementeira» não a devem destruir. Os que a não desejarem colecionar devem deixá-la nos combolos, nos carros, nos restaurantes, nos cafés, nos bancos dos jardins, etc., em qualquer parte emfim onde possa ser lida por outros. Espalhar é semear, torná-la conhecida será arranjar novos adeptos para a nossa obra.